

Diretrizes: Diretrizes : um espaço de resistência na imprensa do Estado Novo
(1938-1944)

Joëlle Rouchou¹

O Rio de Janeiro foi o palco escolhido pelo bessarabiano Samuel Wainer para exercer seu ofício de jornalista. Filho de pais pobres imigrantes judeus que se instalaram no bairro do Bom Retiro, em São Paulo. A vida rotineira, sem *glamour*, não era suficiente para Wainer, que foi à luta e aos 12 anos, em 1924, veio estudar no Rio de Janeiro, no Pedro II e viver com sua irmã Rosa, que já havia se mudado para cá.

A mais perfeita tradução do que efetivamente foi Samuel Wainer é ter sido um jornalista. Mas não um repórter qualquer, ou um fundador de revista e jornal. A dimensão desse jornalista vem da trajetória em que galgou todos os degraus, desde o trabalho de repórter até a entrada no seletíssimo e restrito clube dos donos de jornais no Brasil. Samuel Wainer começou sua carreira como muitos - um simples repórter. Depois trabalhou na revista *Diretrizes*, correu mundo como correspondente dos *Diários Associados*, cobriu os acontecimentos mais importantes do pós-guerra, entrevistou o então esquecido Getúlio Vargas, vaticinando sua volta, fundou o jornal *Última Hora* e ainda rodou algumas redações. Viveu a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro e terminou sua vida como empregado do jornal *Folha de São Paulo*, empresa que havia comprado seu jornal.

Em termos jornalísticos, sua carreira é das mais invejáveis. Ele se movia elegantemente cruzando a fronteira entre patrões e empregados com charme e classe que permaneceram como sua marca. O material que analisei foram as 53 fitas gravadas, transcritas em 1300 laudas. Suas memórias são o ponto de vista de um velho jornalista, um homem que assistiu e teve uma atuação considerável na história do país. Em sua confissão de fé, atribui todas as suas possíveis “escorregadas” éticas à necessidade de sobrevivência de seu jornal.

¹Pesquisadora em História na Fundação Casa de Rui Barbosa. Doutora em Comunicação e Cultura (USP)

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

O que torna suas memórias instigantes é sua carreira cheia de aventuras, sua força em buscar uma matéria jornalística, sua obsessão pelo *furo*. Era o homem que estava sempre no lugar onde a notícia acontecia. Wainer foi dos raros donos de empresas jornalísticas que passou pelas máquinas de uma redação. Com isso ele pôde participar do processo de feitura do jornal em todas as suas etapas. Para cumprir a tarefa de ser jornalista é preciso experimentar todas as editorias e descobrir qual o assunto preferido e ir fundo nele. Wainer foi mais longe: além de conhecer a redação, descobriu o jornal como empresa a ser gerenciada e - o mais terrível - o uso dessa empresa como um quarto poder da República.

O jovem se interessava por política e no Rio começou a sair do gueto, abrir novas perspectivas. Conheceu Adolfo Eizen, fundador da editora Brasil América, Abraham Koogan, da livraria Koogan, depois Delta Larousse. Ele queria ser bem sucedido intelectualmente. E o Rio de Janeiro oferecia essa possibilidade. Para tornar-se jornalista começou escrevendo uma coluna num jornal da comunidade judaica e aos poucos conhecendo o meio jornalístico. Redigiu alguns artigos para uma coluna de assuntos israelitas no *Diário de Notícias*. A convite de Azevedo Amaral vai escrever na revista *Diretrizes*, lançada em maio de 1938. Era uma revista nacionalista que iria registrar a vida política brasileira daquele momento. Lembra que aceitou o desafio porque queria ser jornalista, mesmo reconhecendo que não sabia redigir.

Nessa época, conhece a intelectualidade da cidade-capital, os formadores de opinião: Moacyr Werneck de Castro, o então comunista Carlos Lacerda e outros integrantes do Partido Comunista. Samuel convidou vários escritores como Graciliano Ramos, Astrogildo Pereira, Adalgiza Nery, Jorge Amado, Octávio Malta, Rachel de Queiróz entre outros. Era a equipe da revista que sofria a censura prévia do DIP. O objetivo de *Diretrizes* era lutar contra o fascismo, o nazismo.

Ele tinha um certo complexo de inferioridade em relação a seus colegas de revista, por sentir que não tinha a mesma base cultural que os demais, mas estava deslumbrado com a possibilidade de produzir uma publicação: “eu entrei finalmente para o clube, mas sempre

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

com uma certa distância, porque não trazia nenhuma biblioteca comigo, só trazia meu talento. Cultura era de ouvido, de ouvir falar”.²

Samuel cuidava de *Diretrizes* desde a redação até a impressão. Buscava anúncios, escrevia artigos e assim conseguia um dinheiro que dava para pagar seu aluguel. Mas ele tinha de enfrentar a censura, a repressão do Ministério da Guerra³

A revista foi se firmando como uma importante publicação, defendendo interesses nacionalistas, e foi uma das primeiras a defender a criação da indústria siderúrgica brasileira. Até o final dos anos 40 a revista era mensal, e foi se modernizando graficamente, com seções de humor, entrevistas e cultura. Mas o dinheiro ficou curto, havia pouco anúncio e Samuel foi com seu amigo Rubem Braga - que também fazia parte do grupo de *Diretrizes* - buscar dinheiro dos *capitalistas*. Encontram Maurício Goulart que entrou com 100 contos, o que viabilizou a *Diretrizes* semanal, que foi um sucesso imediato. A revista combatia o fascismo dentro do regime fascista de Vargas. Samuel lembra que a luta permanente contra o DIP foi possível graças ao entusiasmo e ao trabalho de sua equipe:

“Faltavam anunciantes, faltava capital, a venda em bancas não bastava para assegurar salários justos para os homens que faziam a revista e a dívida com a gráfica aumentava. Ainda assim, prosseguíamos”⁴.

A característica principal era a grande reportagem, que Samuel sabia pautar como poucos e projetou repórteres como Justino Martins, Joel Silveira e Francisco de Assis Barbosa que fez a entrevista histórica com Dilermando de Assis sobre a verdadeira versão da morte de Euclides da Cunha. A entrevista de Dilermando causou rebuliço dentro da redação, pois tratava-se de uma grande tragédia da história do Brasil. O General Dilermando era cadete na época do assassinato, tinha 17 anos e namorava a mulher de

² Fita nº 8, p.20/149, do material bruto de S.W.

³ Fita nº 9, p.6/157, do material bruto de S.W.

⁴ Op. Cit, pág. 67. Grifos nossos.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARTEIL

Euclides da Cunha, que um dia viu o cadete saindo de sua casa. O escritor atirou no cadete, mas errou o tiro, atirou outra vez e também errou. O cadete então deu-lhe um tiro só, na testa, e matou Euclides. E foi absolvido por legítima defesa. Samuel queria publicar a entrevista, mas convocou uma reunião para discutir o assunto. Entre os presentes estavam Gilberto Freire, Graciliano Ramos, Aníbal Machado e Astrogildo Pereira. Debateram por horas:

“A matéria na minha mão, que eu vou fazer com ela? Se publicarmos, o Partido nos condena às labaredas do inferno! Não publicar é uma traição jornalística da mais baixa categoria, além de ser uma traição humana! (...) prevaleceu a publicação.”⁵

A revista terminou em 44: Samuel recebe um aviso do diretor do DIP, de que *Diretrizes* perdera o direito à cota de papel que garantia sua impressão.

Samuel não se surpreendeu com o fechamento de *Diretrizes*, porque a ameaça era permanente. Assim que recebeu a carta do DIP, Samuel escreveu uma carta ao capitão Amilcar de Menezes querendo saber quais as causas do fechamento da revista, questionando: fecharam a revista porque ela era a favor da industrialização do país? Por que defendia a liberdade através da campanha do tenentismo? A carta correu de mão em mão e Samuel logo procurou asilo na embaixada do México, preocupado com represálias do governo. O embaixador do México no Brasil era seu amigo e o manteve na embaixada não asilado - porque não havia ordem de prisão contra ele. Ficou lá três dias, depois seguiu em exílio para Buenos Aires. Na capital portenha reencontrou colegas jornalistas americanos que conheceu quando dirigia *Diretrizes*, e mandava matérias para *O Globo*. Samuel havia forçado sua saída do Brasil, mas não queria ficar numa lista negra de jornalistas. E havia uma vontade de aprender, de saber mais sobre o mundo, e a melhor forma era viajar.

Seu destino final acaba sendo os EUA, no princípio do ano de 1945, sob a proteção de seu amigo Nelson Rockefeller. Faz algumas coberturas sobre conferências de paz até que Roberto Marinho lhe encomenda uma reportagem sobre a filha de Prestes, Ana Leocádia,

⁵ Fita nº 9, p.18/169, do material bruto de S.W.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

que morava no México. Ele a localiza e faz uma reportagem que ele mesmo define como “de um patetismo de telenovela”.⁶ A matéria deu primeira página na edição de *O Globo*. Samuel tinha conseguido cartõezinhos de Prestes com versinhos para sua filha, desenhos de gato que o *Cavaleiro da Esperança* fez para a filha. A reportagem foi premiada e apontada como padrão de reportagem política. Samuel decide voltar para o Brasil, e fazer de *Diretrizes* uma publicação diária. “Foi o meu maior fracasso jornalístico, a maior lição jornalística que eu tive”.⁷ Samuel reuniu toda sua equipe, seu exército de Brancaleone, para fazer seu jornal :

“E convoquei a nata da intelectualidade brasileira, Carlos Drummond de Andrade fazendo copidesque, o poeta Jorge de Lima, (...) Eu convoquei os intelectuais, que a minha concepção de jornal era toda intelectual. Montamos o jornal, nós não tínhamos oficina, não tínhamos dinheiro, não tínhamos papel. O papel nos foi fornecido por outros jornais que resolveram sacrificar a sua saída para nos dar papel, tal a importância que se dava a *Diretrizes*.”⁸

O tom da luta de um jornalista que precisa de uma publicação para sobreviver é contagiante. Ele sempre parece pronto recomeçar em sua profissão. Um mês após o lançamento do jornal, percebeu que seria um fracasso. O Partido Comunista combateu a publicação imediatamente, pois Prestes nunca o perdoou pela entrevista que fez com Ana Leocádia. Wainer visitou Prestes na prisão e o capitão considerou a entrevista uma “sórdida exploração do sentimentalismo burguês”, e ordenou aos linotipistas que não imprimissem o jornal de Wainer. Passa então *Diretrizes* a João Alberto por 300 contos. Oswaldo Costa dirige a revista e Samuel viaja para a Europa como correspondente da revista. Mandava suas reportagens sobre o Tribunal de Nuremberg e o fim da guerra na Europa. A revista havia se transformado, passou a ser sensacionalista. Samuel volta ao Brasil em 1947, já

⁶ Fita nº 10, p.19/200, do material bruto de S.W.

⁷ Fita nº 10, p.19/200, do material bruto de S.W.

⁸ Fita nº 10, p. 20/201, do material bruto de S.W.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

como repórter consagrado internacionalmente, mas afasta-se de *Diretrizes* e é contratado por Chateaubriand para trabalhar em *O Jornal*. *Diretrizes* acaba e ele tem um objetivo muito claro ao aceitar o cargo oferecido por Chateaubriand:

“(…)aprender como se faz um grande jornal, como é o ventre, como é o útero, como é o coração ... a máquina...a corrupção... de favoritismo, de chantagem ao mesmo tempo de grandeza também... Chateaubriand me contratou, ele já sabia que eu era um grande repórter, eu pedi um alto salário... E ele ao mesmo tempo me convidou para dirigir *O Jornal*, que era o órgão líder dos *Diários Associados*, e eu disse que queria ser repórter.”⁹

Samuel era um reconhecido galanteador. É notável como ele compara o jornal a um corpo de mulher, com seus mistérios, úteros e corrupções. O jornal exerce sobre ele o mesmo fascínio que uma mulher estonteante que ele pudesse encontrar nas calçadas de Paris ou em restaurantes cariocas. Ele amou suas mulheres como amou suas redações e todos os que por elas passaram. Sua antítese parece ser o também jornalista Chateaubriand. Wainer nutre um ódio excessivo por seu patrão. Chateaubriand encarna tudo que Wainer diz execrar. Ao contrário de Wainer, ele não tinha prazer em trabalhar com jornal:

“[*O Jornal*] tinha uma equipe enorme que Chateaubriand odiava! Ele sempre odiou as suas redações, porque, no fundo, nenhuma delas dera-lhe o jornal que ele queria ter. Ele nunca teve um jornal que fosse o primeiro, sempre era o segundo ou terceiro. Salvo no *Estado de Minas*. (...), para mim ele era o anti-jornalista, inimigo do povo, eu entrei, eu sabia, como se fosse uma missão. (...) Ele não era um jornalista, ele era um editorialista.”¹⁰

Wainer teve vários atritos com Chateaubriand. Reclamava da falta de respeito com seus profissionais. Samuel fez várias mudanças no jornal com a ajuda do artista plástico Augusto Rodrigues. Criou 16 seções novas, como *Carta ao Congresso*, *Carta a Mamãe*, *Coisas da Cidade*, abriu as fotografias de Jean Manzon e a tiragem de *O Jornal* passou de 9 mil para 16 mil. Tudo o irritava em Chateaubriand: “ele andava sempre armado. Ele continuava com

⁹ Fita nº 10, p. 28/209, do material bruto de S.W.

¹⁰ Fita nº 10 p.29/210, do material bruto de S.W.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

hábitos de cangaceiro”. ¹¹*O Jornal* serviu como uma grande escola, um laboratório para o que viria a fazer na *Última Hora*.

Wainer considera Chateaubriand um homem de negócios, e não um jornalista: “Era um empresário estilo siciliano. E outra coisa, ele compreendia o jornal com uma única finalidade: atender aos seus interesses, às suas necessidades, aos seus impulsos, creio que até no plano sentimental. Ele foi o homem mais poderoso do Brasil.”¹²

A profissão de jornalista pode ter sido uma escapatória para Samuel que queria ser cidadão do mundo. Está implícito na profissão a possibilidade de viagens, de estar com presidente da República numa fase da vida e na outra, cobrir movimentos de sem-terras; estar num coquetel com a alta sociedade e em seguida cobrir um seqüestro. Essa possibilidade de entrar por todas as classes, mesmo não pertencendo a nenhuma delas, como um camaleão, pode ter animado Samuel a escolhê-la. Samuel freqüentava o *society* do Rio de Janeiro:

“(...) eu era um grande repórter, tinha uma vida intensa, e o Rio você sabe o que é, o Rio é praia, jornal, boate. Então eu senti que, apesar de tudo, para poder resistir ao que eu pressentia porque eu pressentia que vinha fogo em cima, que eu sozinho, Samuel Wainer, judeu, de origem desconhecida, embora extremamente simpatizado, porque eu sou uma pessoa de fácil acesso, eu era amigo de todos os donos de jornais, já tinha trabalhado no *Globo*, que me apoiou, me deixou escrever lá, quando fui exilado nos EUA. Eu era amigo do Paulo Bittencourt, que era o príncipe da imprensa brasileira, com aquela riqueza que tinha, eu tinha trabalhado com Chateaubriand cinco anos, eu tinha trabalhado no *Diário de Notícias*, quer dizer eu tinha lastro

¹¹Fita nº 10, p 30/211, do material bruto de S.W.

¹² Fita nº 11, p. 3/216, do material bruto de S.W.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

jornalístico para fazer um jornal. Mas eu sentia que socialmente não bastaria.”¹³

Ao mesmo tempo que cortejava o *grand monde*, Samuel sabia que seus limites eram bem definidos. Ele gostava de estar no Country Club no Rio, conversar em restaurantes com banqueiros e políticos. A noite era onde ele buscava notícias, dava jantares, mas não queria maiores compromissos, ficar devendo favores a poderosos. Frequentava as boates da moda, a ouvir o piano de Sacha, conhecia todo mundo. Nas boates já preparava pautas para as próximas matérias.

“Eu fui o chamado marginal da oligarquia, que estava comodamente instalada no seu poder e que estava esclerosada num país colonial, onde não havia necessidade nem competição.. A prova, eu trouxe um elemento novo, que veio a se refletir na imprensa no prazo médio. *O Globo* deixou de ser um jornal estagnado para se tornar hoje um jornal extremamente popular, com seções, com colunas sociais (...) *O Jornal do Brasil* era um jornal moribundo em 1958. (...) a *Última Hora* injetou de um lado a luta minha contra a imprensa, porque ela não queria que eu modificasse, porque era incômodo. Tem uma frase do Roberto Marinho: ‘esse judeu me tirou meus fins de semana, nunca vou perdoar’, de outro lado a imprensa brasileira realmente era uma imprensa extremamente estagnada(...)”¹⁴

Samuel Wainer era um homem polêmico que despertava ódios e amores. Não havia meio termo. Wainer foi o descobridor da emoção no texto jornalístico, numa época em que o jornalismo era apenas uma atividade meio, um trampolim para o poder, para a política. Os textos jornalísticos da época não permitiam o uso da emoção do repórter. Wainer era vitalmente um jornalista, sua vida dedicada a colher fatos, saber onde estava a notícia. Alberto Dines lembra do colega de profissão afirmando sua posição de homem de jornal:

“Era um jornalista. Sabia fazer jornal. Um jornalista que sabia agarrar uma palavra. Era capaz de dar broncas

¹³ Fita nº 1 (2ª série), p. 5/900, do material bruto de S.W.

¹⁴ Fita nº 2 (2ª série), p. 18/941, do material bruto de S.W.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

terríveis porque não se usava um verbo popular e sonoro.
Era um jornalista visceral”¹⁵

Sua grande reportagem, nos *Diários Associados*, que tem todos os ingredientes do sucesso, foi sua entrevista com Getúlio Vargas, em março de 1949. Wainer foi mandado ao Rio Grande do Sul fazer um matéria sobre a cultura de trigo na região. Atento à conversa de dois gaúchos no avião, o piloto e o co-piloto, ele ficou intrigado com o entusiasmo com que eles falavam de Vargas e do movimento queremista, que pregava a volta do ex-presidente. Esse cheiro da notícia o impulsiona a mover mundos e fundos para conseguir uma entrevista com Vargas. Ele antevia uma grande reportagem, caso Vargas aceitasse falar, ou outra menor, se não conseguisse, contando que o ex-presidente não recebia ninguém.

Samuel descreve em 23 laudas a epopéia de sua entrevista, desde sua intenção de derrubar a pauta do trigo, até as negociações para a publicação da bombástica entrevista. Um momento descontraído em seu relato, é quando, aguardando Getúlio na varanda de sua casa, sem saber ainda se teria a entrevista, ele descreve o ex-presidente:

“Eu estava absorvido naquilo (o pampa gaúcho) quando abre-se a porta e sai ... um boneco gaúcho! Um boneco como se fosse um desses bonecos de Walt Disney: baixinho, um metro e pouco, bombachas azuis, me lembro como hoje, botas pretas, camisa bonita, xadrez, um lenço, chapéu, charuto, sorriso ... um homem no auge do seu vigor físico, da sua paz interior e da sua alegria.”¹⁶

Wainer teve vários atritos com Chateaubriand. Reclamava da falta de respeito com seus profissionais. Samuel fez várias mudanças no jornal com a ajuda do artista plástico Augusto Rodrigues. Criou 16 seções novas, como *Carta ao Congresso*, *Carta a Mamãe*, *Coisas da Cidade*, abriu as fotografias de Jean Manzon e a tiragem de *O Jornal* passou de 9 mil para 16 mil. Tudo o irritava em Chateaubriand: “ele andava sempre armado. Ele

¹⁵ Entrevista de Alberto Dines no Rio, para este trabalho, em maio de 1994.

¹⁶ Fita nº 2, p.1/20, do material bruto de S.W.

continuava com hábitos de cangaceiro”.¹⁷ *O Jornal* serviu como uma grande escola, um laboratório para o que viria a fazer na *Última Hora*.

Wainer considera Chateaubriand um homem de negócios, e não um jornalista: “Era um empresário estilo siciliano. E outra coisa, ele compreendia o jornal com uma única finalidade: atender aos seus interesses, às suas necessidades, aos seus impulsos, creio que até no plano sentimental. Ele foi o homem mais poderoso do Brasil.”¹⁸

Samuel prepara-se para contar sua aventura maior, a fundação da *Última Hora*, enfrentando preconceitos do grupo fechado dos donos de jornais. Ele sabia que jamais teria a aquiescência das famílias proprietárias de jornais, seria sempre visto como o menino do Bom Retiro. Para tentar se precaver dos ataques, uma das primeiras providências que tomou ao fundar a *Última Hora*, antes do lado técnico, foi a cobertura social: “Eu vou ser dono de um jornal, que eu sei será um bom jornal, porque eu sou um bom profissional, fui ao Getúlio e disse que nós íamos desafiar o clube que não o suportava. (...)Evidentemente que eu sabia que fundar um jornal fora do grupo oligárquico era enfrentar um poder desumano, aético, monopolizador, absolutista.”¹⁹ Ele monta a equipe do jornal pensando em pessoas com prestígio social, mas que tivessem posições anti-fascistas.

Era preciso conseguir recursos para montar o jornal, ter uma gráfica, enfim fazer esse jornal. Samuel apostava no seu prestígio e talento. (Estamos em 1951) “ (...)naquele momento, como hoje em qualquer circunstância, até um contínuo do gabinete do Presidente da República fica milionário, quanto mais eu que era um grande jornalista e porta-voz”.²⁰ Negociou com Horácio de Carvalho, de *Diário Carioca* para imprimir o jornal em sua oficina, ficando com dívidas do jornal. Pediu dinheiro a seu amigo Evaldo Lodi, que lhe deu 10 mil cruzeiros, mais 10 mil ao diretor do Banco do Brasil, Ricardo Jafet, chegou a 30 mil. Mas faltava dinheiro para fazer o jornal, não bastava a oficina. O primeiro dinheiro

¹⁷Fita nº 10, p. 30/211, do material bruto de S.W.

¹⁸ Fita nº 11, p. 3/216, do material bruto de S.W.

¹⁹ Fita nº 11, p. 13/269, do material bruto de S.W.

²⁰ Fita nº 12, p. 24/280, do material bruto de S.W.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARCEL

para fundar o jornal veio de Juscelino Kubitschek, recém-eleito governador de Minas, que deu seu aval para que bancos mineiros lhe emprestassem a quantia suficiente para que montasse sua equipe.

A decisão da fundação do jornal foi tomada no dia 2 de fevereiro de 1951. Trinta dias depois ele já havia comprado a oficina. Para diagramar seu jornal convocou o paraguaio André Guevara e de sua equipe faziam parte seu velho companheiro, o jornalista Octávio Malta, o chargista Augusto Rodrigues. Começava sua revolução na imprensa. Era a primeira vez que um jornal tinha um projeto gráfico, setorista no Palácio do Presidente para acompanhar a movimentação no palácio do Catete, com a seção *O Dia do Presidente*. O lançamento do jornal, já com título *Última Hora*, foi um fracasso, apesar de toda a publicidade de João Etcheverry com outdoors espalhados pela cidade - “*Última Hora*, um jornal vibrante, uma arma do povo”. O jornal contava, ainda, com uma carta de Getúlio Vargas na primeira página, aconselhando Wainer como devia ser a publicação. A campanha foi criativa, toda a população aguardando o lançamento de um jornal popular, mas a rotativa quebrou e o jornal, que deveria estar nas bancas às 11h, chegou às 20h e foi distribuído, de graça, no Maracanã, porque, por sorte, havia um jogo naquela noite.

“O jornal não causou grande impacto inicial. O pessoal da imprensa logo foi em cima, de onde eu realmente aprendi que um jornal nasce aos poucos, e depois que se cria uma imagem, nunca mais acaba.”²¹

Problemas de circulação, o jornal ainda procurando sua cara. Samuel queria que fosse popular. Criou um segundo caderno, de reivindicações populares, com colunas específicas de queixas do povo. Era o único jornal de reivindicações populares, segundo Wainer.

A narrativa de Samuel é mais animada. Ele fala com emoção dessa sua aventura maior. Todos os detalhes são lembrados, desde a quantidade de bocas da rotativa, o nome do linotipistas, o número de colunas da página, a descoberta da cor no jornal, o espaço mais aberto para as fotografias. Essa revolução eleva seu tom. É com orgulho que ele conta o início do jornal. Ele costumava consultar Getúlio quando o assunto era polêmico, como no

²¹ Fita nº 13, p. 2/289, do material bruto de S.W.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

caso de Epitacinho, que era senador, e um dia apareceu morto. A suspeita era de que foi envenenado por uma empada e a fofoca era que sua mulher, Clarita o envenenou. Samuel e Malta queriam contar essa história, e o primeiro resolveu consultar o presidente, que era amigo do senador. “(...) ele é seu grande amigo, o que devo fazer, presidente? ‘ Ele disse: ‘Cumpra o seu dever de jornalista”²². Samuel publicou e no dia seguinte abriu a manchete policial de seu jornal com uma pergunta: “Epitacinho teria morrido envenenado?”²³. A tiragem de 25 mil exemplares esgotou-se em quinze minutos. Samuel conta essa passagem usando o diálogo que travou com o presidente, tentando convencê-lo da importância da publicação da notícia.

Com o poder na mão, Samuel escreve o editorial “O Grande Irresponsável”, em que acusa o Ministro do Trabalho, Dantom Coelho, de não organizar as forças dos trabalhadores na luta contra a carestia. No dia seguinte, após ler o editorial, o ministro pede demissão. “Aí eu cometi uma grave transgressão humana, mas que ao mesmo tempo era jornalismo puro (...)Eu derrubei um ministro”.²⁴

O faro jornalístico de Samuel lhe permitia perceber o talento e revelar grandes profissionais. Foi assim que ele convidou Nelson Rodrigues para escrever uma coluna diária. Os argumentos foram fantasiosos, mas o charme de Samuel fez Nelson capitular:

“Eu disse: o André Gide faz isso. Discutimos muito, e eu discuti com ele que Dostoiévsky era um grande repórter policial, *Crime e Castigo* era uma reportagem policial, Rascolnikof era um personagem de polícia em qualquer situação. (...) Eu queria que ele pegasse um fato e apenas desse a ele um colorido melhor, ele topou. Então nasceu o título *Atire a Primeira Pedra*. (...) E nasceu *A Vida Como Ela É* que, durante dez anos, foi a literatura mais solicitada e renovou toda a imprensa brasileira, policial.”²⁵

²² Fita nº 13, p.6/293, do material bruto de S.W.

²³ idem

²⁴ Fita nº 13, p.8/295, do material bruto de S.W.

²⁵ Fita nº 13, p. 12/299, do material bruto de S.W.

Esta coluna marcou um novo tipo de crônica policial. O talento de Nelson, aliado à resistência de Samuel. Ele conta que resistiu a uma forte pressão social, a Igreja pressionou para acabar com a coluna. Em *O Anjo Pornográfico*, a biografia de Nelson Rodrigues, Rui Castro conta a versão de Nelson para a criação da coluna:

“Samuel Wainer propôs a Nelson escrever uma coluna diária baseada num fato real da atualidade, da área da polícia ou do comportamento. Pagaria por fora. A coluna poderia se chamar “Atire a primeira pedra”. Nelson aceitou mais que depressa, mas sugeriu outro título, “A vida como ela é...” - com as reticências. Muito mais sugestivo, ele achava, e dava um toque de fatalidade, de ninguém-foge-ao-seu-destino. Samuel concordou e Nelson foi escrever a primeira coluna.”²⁶

Seu jornal foi ganhando espaço, imprimindo um novo estilo. Foi uma revolução no mercado editorial, por abrir fotografias nas primeiras páginas, inserir cor - o título do jornal era azul - ter um planejamento gráfico que valorizava as matérias. Nelson Werneck Sodré, destaca em sua análise da imprensa, o pioneirismo de Wainer:

“Não é possível esquecer, também, as inovações introduzidas em jornal por Samuel Wainer, cuja aprendizagem em *Diretrizes*, durante a ditadura, permitiram-lhe, ao fundar o vespertino *Última Hora*, em 1951, apresentar uma folha vibrante, graficamente modelar, revolucionária em seus métodos de informar e de opinar.”²⁷

O sucesso do jornal inebriou Wainer, que se sentia um membro da família de Vargas. Wainer foi um personagem da cidade, criou um jornal que dava importância ao subúrbio, que falava da Zona Norte e dava destaque ao futebol. Este esporte era considerado popular demais. A coluna de Sérgio Porto introduziu mulheres nuas nas folhas, quando ele lançou “As Certinhas”. Seu lar era a redação:

“O funcionamento da redação - eu nunca tinha trabalhado em jornal diário, só nos Diários Associados onde a direção

²⁶ CASTRO, Ruy *O Anjo Pornográfico*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992, pág. 236.

²⁷ SODRÉ, Néelson Werneck *A História da Imprensa no Brasil*, São Paulo, Martins Fontes, 1983, pág.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

era completamente divorciada da redação. Eu, ao contrário, apesar de estar naquela sala de marajá, eu vivia dentro da redação, porque eu era um jornalista. Então a redação tinha um grupo mais privilegiado, que era o grupo dos meus amigos, não havia nada a fazer.”²⁸

Sua direção do jornal era dinâmica. Ele participava de todo o processo, desde a confecção da matéria, estimulando o repórter, assinado as matérias, as edições até descer à oficina para trocar títulos, incluir últimas notícias. Seu gabinete, que ficava dentro da redação, tinha o apelido de “aquário”, nome usado até hoje para designar a sala dos chefes - era de vidro, toda a redação o via e ele via todos. Além do conforto para sua equipe, e quadros de Di Cavalcanti que enfeitavam as paredes, Wainer marcou a imprensa por ter aumentado os salários, o que lhe custou o ódio de Chateaubriand, que o chamou de ladrão, achando que ele forçou a alta dos salários. Numa época em que o jornalismo embarcava na objetividade do estilo americano, com a introdução do mecanismo do *lead* - a abertura da matéria, contendo todas as informações mais importantes - Wainer incendiava suas edições com uma titulação trepidante. Essa paixão transbordante poderia ter conduzido Wainer aos descaminhos do sensacionalismo. O limite entre os dois é muito tênue. É preciso muito talento para não passar a fronteira. Ele soube ficar na emoção sem ser melodramático, o que fez dele um inovador, um inventor irrequieto e inconformado.

Juscelino Kubitschek, então candidato à presidência da República, em 55, chama Samuel para que o jornalista o apoiasse. Samuel já conhecia JK há vários anos e entrou na campanha com ardor, enfrentado a ira de Lacerda, que ainda estava no poder no Rio de Janeiro. E venceram por 200 mil votos de diferença. Mas antes da campanha, Samuel estava preso no Regimento Caetano de Farias, no Rio, por causa da questão da nacionalidade (foi acusado por Carlos Lacerda de não ter nascido no Brasil, logo não poderia ser proprietário de jornal). Quem estava na presidência da nação era Carlos Luz, que sucedera Café Filho - que havia sido deposto. Havia um golpe preparado para não dar posse a Juscelino, entre eles Carlos Lacerda, Afonso Arinos, o próprio Luz - segundo Samuel.

²⁸ Fita nº 13, p. 20/307, do material bruto de S. W.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

Samuel, preocupado com o golpe que se anunciava, conseguiu uma transferência para o hospital da Polícia Militar, na rua Frei Caneca, onde ficou num pequeno quarto. Nem mesmo confinado, com ameaça de ser massacrado por Lacerda caso o golpe vingasse, Wainer deixou de trabalhar em seu jornal. Acabou montado uma pequena editoria extra, de onde comandava a *Última Hora*. O comando do jornal funcionava como uma tábua de salvação para o jornalista, que entendia que este era o único instrumento com que poderia defender-se das acusações:

“ (...) eu ficava naquele quartinho de onde eu via (...) meu jornal trabalhando. Vinham de dia os redatores, eu ditava, fazia pautas, editorializava, contratei nessa prisão Sérgio Porto, Paulo Francis que vieram se oferecer para trabalhar na *UH*.”²⁹

Samuel foi o “primeiro a apoiar Brasília”³⁰ e logo instalou lá a sucursal de seu jornal. Os outros jornais não acreditavam no êxito da aventura no planalto central. Mas o aventureiro Wainer não perdeu a oportunidade de desbravar um novo campo, sempre ao lado do Presidente da República. Wainer atuou como político no episódio da possível renúncia do General Lott, trocando informações e confidências para que o militar não abandonasse o Ministério da Guerra, posição que interessava a Juscelino Kubitschek.

²⁹ Fita nº 27, p. 2/647 do material bruto de S.W

³⁰ Fita nº 27, p. 4/649 do material bruto de S.W